



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

Hipermídia como Catalisador da Leitura

DOI:10.18249/2236-515X/hipertexto.v3n2p62-84

Lídia Oliveira

lidia@ua.pt

Departamento de Comunicação e Arte

Universidade de Aveiro

e

Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação Portugal

CETAC.MEDIA

Introdução

A linguagem é um elemento absolutamente estruturante da visão de mundo que o indivíduo constrói. A linguagem estabeleceu a primeira grande revolução cognitiva da humanidade, à qual se seguiram a escrita, a imprensa e as tecnologias de informação e comunicação.

Se se olhar para a história da humanidade poder-se-á concordar com Harnad (1991) que defende que a humanidade sofreu quatro revoluções a nível da história do pensamento e do conhecimento humano. A primeira das quais ocorreu com a aquisição da linguagem o que terá sido um salto qualitativo da própria afirmação da diferenciação da espécie humana. A segunda revolução ocorre com a invenção e consolidação da escrita como meio de comunicação e de cristalização do pensamento. Apesar de, ainda na Grécia antiga, se verificar a existência de conflitos cognitivos relativamente à escrita como suporte, exemplos paradigmáticos são Sócrates que não escreveu por considerar a escrita contrária à dialética discursiva obtida com o diálogo e ser prejudicial à memória e Platão, seu discípulo, que escreveu em forma de diálogo para contornar alguns dos problemas que o seu



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

mestre referia na escrita. Mas, de facto, a escrita revela-se um salto qualitativo na geração de um suporte à memória pessoal e à memória da própria humanidade.

A escrita permite uma situação prática de comunicação radicalmente nova. Pela primeira vez, os discursos podem ser separados das circunstâncias particulares nas quais foram produzidos. (Lévy, 1994, p. 113)

A terceira revolução cognitiva dá-se com a invenção da imprensa que permitirá a progressiva afirmação dos mecanismos de divulgação e vulgarização dos conhecimentos, que começam a deixar de estar enclausurados num círculo muito restrito de pessoas e, progressivamente, se vão expandindo.

... a invenção de Gutenberg permitiu a instauração de um novo estilo cognitivo. A inspecção silenciosa de mapas, esquemas, gráficos, quadros, dicionários encontra-se, desde então, no centro da actividade científica. Da disputa verbal, tão característica dos costumes intelectuais da Idade Média, passa-se à demonstração visual, mais do que nunca em uso no nosso tempo, nos artigos científicos e na prática quotidiana dos laboratórios, graças aos novos instrumentos de visualização que são os computadores. (Lévy, 1994, p. 125)

A revolução cognitiva promovida pela imprensa atinge o seu máximo, quanto à possibilidade de difusão, acesso e debate de ideias, com a quarta revolução, que estamos agora a viver com as tecnologias infocomunicacionais em rede. O novo estilo cognitivo baseado na demonstração visual e na relação social mediada pelos sistema hipermídia. Instaurando um novo espaço antropológico (Oliveira, 2001) no qual a linguagem é um híbrido e o espaço é uma estrutura dinâmica e quase paradoxal entre concreto e virtual, espaço onde se geram novas narrativas e a promoção da leitura multimídia e a leitura textual são competências essenciais. Este processo atinge o seu auge com a globalização do acesso e da difusão, diluindo constrangimento espaciotemporais, dando-se um salto quantitativo e qualitativo a



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

nível da escala e rapidez com que o processo comunicativo ocorre. Passámos a estar mergulhados em ambientes sistémicos de recuperação de informação e potenciação das relações sociais mediatizadas.

A razão pela qual eu escolho como revolucionárias apenas a fala, a escrita e a imprensa neste panorama de transformações de meios que plasmaram a nossa maneira de comunicação é que, a meu modo de ver, só aquelas três tiveram um efeito qualitativo sobre a nossa maneira de pensar. Em suma, a fala possibilitou fazer propostas, a escritura à mão tomou possível preservá-las independentemente do falante, e a imprensa (meios de impressão) possibilitou preservá-las independentemente do escritor ('manuscrito'). Todas as três tiveram um efeito dramático sobre o modo pelo qual pensávamos, assim como sobre a maneira pela qual nós expressávamos os nossos pensamentos, então provavelmente elas tiveram um efeito igualmente dramático sobre o que nós pensávamos. Os restantes desenvolvimentos tecnológicos foram apenas refinamentos quantitativos dos meios criados pela fala, escrita e imprensa. (Harnard, 1991, online)

Segundo Harnard (1991), a quarta revolução cognitiva ainda está em processo, não se tendo dado completamente. O autor estava a fazer a sua análise no ano de 1991, passadas duas décadas percebemos que a quarta revolução continua em processo numa dinâmica ecossistêmica. Ou seja, a análise não deve olhar para estas revoluções e para a constante introdução de novas tecnologias infocomunicacionais como um processo aditivo, mas como um processo sistémico de interação dinâmica entre os elementos. A apreciação deve realizar-se numa perspectiva ecológica, ou seja, tal como num ecossistema quando se tira ou introduz um determinado fator não se trata apenas de ter mais ou menos um fator mas, esse fator ou a sua ausência faz com que todos os outros elementos em presença realizem um comportamento adaptativo. A mudança tecnológica é uma mudança ecológica.

...a mudança tecnológica não é aditiva nem subtractiva, é ecológica. Utilizo «ecológico» no mesmo sentido em que a palavra é usada pelos cientistas ambientalistas. Uma mudança significativa gera uma mudança total. Se removermos as lagartas de um dado habitat, não



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

ficamos com o mesmo ambiente menos as lagartas: temos um novo ambiente e reconstituímos as condições de sobrevivência; o mesmo é verdade se introduzirmos lagartas num meio ambiente onde elas não existiam. É assim que também funciona a ecologia dos media. Uma nova tecnologia não acrescenta nem subtrai nada, altera tudo. (Postman, 1994, pp. 23-24)

Em todas essas revoluções cognitivas a linguagem é o elemento essencial que vai sofrendo mutações, mas mantém a sua essência. A evolução filogenética e ontogenética da humanidade e do indivíduo tem na linguagem a condição da sua realização. O mundo é um constructo linguístico. Embora pensamento e linguagem sejam duas realidades distintas, como distintas são a frente o verso de uma folha, o certo é que têm uma interdependência intrínseca, que as torna inseparáveis, que tal como na folha de papel é impossível rasgar a frente sem rasgar o verso, também na relação entre pensamento e linguagem é impossível intervir num sem, em simultâneo, intervir no outro. Mudanças de visão de mundo refletem-se na linguagem e mudanças na linguagem refletem-se nas visões de mundo que indivíduos e sociedades constroem.

Refletir sobre a linguagem no mundo contemporâneo passa por refletir sobre o tecnocosmo em que o indivíduo se encontra mergulhado. A linguagem foi-se metamorfoseando e assumindo estados complexos de hibridação, em que a convergência da linguagem verbal, com a imagética e a sonora gera a criação da linguagem multimídia, onde enunciados e processos argumentativos ganham novos modos de expressão. Acresce que os suportes onde se plasma a linguagem multimídia permitem uma flexibilidade nas relações entre os conteúdos que passam a assumir uma estrutura em rede, em que “nós” (palavras, imagens, vídeos, sons) do discurso se conectam com outros “nós”. Esta flexibilidade na construção multimídia da visão do mundo tem implicações ao nível da flexibilidade cognitiva dos indivíduos que crescem familiarizados com esta nova ambiência linguística – hipermídia interativo.



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

Face a estas mudanças ao nível da linguagem e do tecnocosmo em que o indivíduo contemporâneo se encontra mergulhado interessa refletir e investigar no sentido de se responder a perguntas como: Como se lê no século XXI? Quais as linguagens utilizadas? Em que suportes se lê? Qual o papel da rede social nos processos de leitura? Que textos se leem? Que linguagens se utilizam no espaço hipermidiático?

Considerando os termos texto e leitor no sentido mais vasto possível, dir-se-á que o objetivo de todo o texto é provocar no leitor um certo estado de excitação da grande rede heterogênea da sua memória, orientar a sua atenção para uma determinada zona do seu mundo interior ou, ainda, desencadear a projecção de um espectáculo multimídia no ecrã da sua imaginação. (Lévy, 1994, p. 113)

O texto desencadeia a projecção de um espectáculo multimídia na mente do leitor – esse imaginário que o leitor produz a partir da leitura tem agora a possibilidade de se exteriorizar através de imagens, vídeos, comentários, icnografias, etc. interconectadas entre si – a linguagem hipermídia estimula a leitura proporcionando a abertura ao exterior do prazer do imaginário imagético, produto da leitura. O texto sai fora da materialidade do livro, expandindo-se através da materialização das interpretações, permitindo regressar ao livro e à leitura de forma mais enriquecida – a margem enriquecesse através da apropriação inventiva da obra. Os leitores-interatores afirmam-se como leitores multimidiáticos, que usufruem de uma linguagem multisemiótica, em que a escrita é fluída e imaterial, gerando novas formas de desenvolvimento do “gosto”, numa rede de múltiplas linguagens, representações e interpretações.

A leitura deve ser abordada num sentido amplo de leitura não apenas de textos, de linguagem verbal, mas de leitura de hipertextos. Pierre Lévy (1994:32-34) propõe um modelo de hipertexto caracterizado em seis princípios: 1) o princípio da metamorfose, 2) o princípio da heterogeneidade, 3) o princípio da multiplicidade e de encaixamento de escalas, 4) o princípio da exterioridade, 5) o princípio da topologia e 6) o princípio da mobilidade dos centros.



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

Seguindo os princípios enunciado deve-se evidenciar que a rede hipertextual é dinâmica, estando sempre em construção e renegociação. Sendo o novo ambiente de leitura hipertextual, o ambiente Web, com a crescente dinâmica de serviços Web 2.0 em que a participação e contribuição do usuário com novos conteúdos, perspectivas e novas ligações entre conteúdos amplia de forma exponencial esse processo de metamorfose. Nesse processo de interação hipermídia os nós e as ligações são heterogêneas quer na linguagem (palavras, sons, imagens, etc.) quer nas ligações (lógicas, afetivas, etc.), quer nas relações entre pessoas, artefatos, grupos, etc.. A ambiência hipermídia em metamorfose e heterogênea organiza-se de modo fractal em que que nó da rede potencialmente tem a sua própria rede numa cascata amplificante, da micro rede do documento à macro rede social. Esta rede sócio-técnica vive da sua exterioridade, de novos elementos que a ela se agregam constantemente fazendo com que ela se amplie, mas numa rede topográfica de proximidade. Um elemento hipermídia conduz-me a um outro elemento com o qual tem uma vizinhança, não no sentido geográfico, mas no sentido da construção da leitura do mundo, no sentido da construção do significado. Significado este que se amplia constantemente pela agregação de novos elementos (pessoas, imagens, textos, sons, vídeos), que ganham e perdem visibilidade de forma dinâmica na rede fazendo com que a rede não tenha centro, mas vários centros.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós conectados pelas ligações. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles próprios, hipertextos. Os itens de informação não estão ligados linearmente, como numa corda de nós: cada um deles, ou a maior parte, estende as suas ligações em estrela, de um modo reticular. Navegar num hipertexto é, portanto, desenhar um percurso numa rede, que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por seu turno, conter toda uma rede. (Lévy, 1994:43)

O hipertexto amplia a sua complexidade com o hipermídia, ou seja, o hipermídia mantém a essência da estrutura complexa e dinâmica e complexifica-se



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

pela heterogeneidade de elementos e de linguagem. Daí o termo hipermídia ser mais adequado para refletir sobre a nova ecologia cognitiva em que o indivíduo se vê envolvido quando no seu cotidiano os écrans estão por todo o lado, nas diversas atividades do trabalho ao lazer, passando pela escola. Mediando relações, mediando o acesso ao conhecimento, permitindo criar conteúdos, partilhar conteúdos, refazer conteúdos gerando novos conteúdos, etc. A hipermediação do mundo e das relações, a hibridação das linguagens e a vivência em rede social on-line estimula a que se questione se o hipermídia não é a nova linguagem, com uma nova gramática de leitura do mundo e também de releitura da própria leitura literária. Deste modo estamos face a ambiências mediáticas fortemente contribuintes nos processos de geração de conhecimentos.

Os media do conhecimento favorecem a participação do indivíduo na partilha de assunções, crenças, percepções e representação complexas, e descrevem através deste percurso o próprio objeto da comunicação, o conhecimento que as pessoas comunicam entre si, através dos media e com os media. (Dias, 2000, p. 143)

Das possibilidades de leitura hipermediática à criação de ambientes específicos nem sempre é realizada uma ponte intencional (Lévy, 1994, pp. 30-31). O dinamismo das técnicas sublinha que “é muito progressivamente que um sistema técnico expulsa o outro e nunca se está num sistema técnico puro: certos elementos de um antigo sistema sempre subsistem, ao passo que outros talvez anunciem o próximo.” (Picón, 1996, p. 31). O Biblon deseja intencionalmente situar-se num ambiente de charneira entre a leitura em suporte tradicional, onde o livro (quer analógico quer digital) se assume como suporte e o ambiente on-line virtual em que linguagem multisemiótica, a plasticidade, a heterogeneidade e a flexibilidade cognitiva e relacional passam a ser a matriz.

Face ao contexto de banalização do acesso à Internet pelas novas gerações e à diminuição dos hábitos de leitura tradicional de obras literárias por parte desses jovens e a sua tendência para estarem presentes na redes sociais on-line concebeu-se um espaço on-line centrado na relação em rede mediada pela hipertextualidade.



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

Trata-se do Portal Biblon - <http://www.portal-biblon.com/> - que visa ser um espaço de leitura e escrita para as crianças, com o foco no 1º ciclo de escolaridade, tipicamente entre os 6 e os 10 anos.

Biblon: rede social de leitores-escritores júniores

O Portal Biblon (<http://www.portal-biblon.com/>) visa operacionalizar a ideia que o hipermídia é a linguagem apropriada para a estimulação da leitura, ou seja, o hipermídia como catalisador da leitura. A leitura é uma realidade polimórfica que assume diversas formas e dinâmicas. Contudo, qualquer que seja o suporte, a possibilidade de partilha de experiências com base na leitura literária, a matriz central é a da fruição estética do texto literário que ativa na mente do leitor uma narrativa multimídia. No ambiente do Biblon o leitor pode partilhar e usufruir das partilhas das leituras não apenas usando a linguagem verbal, mas também a linguagem hipermídia.

O Portal Biblon foi desenvolvido sob a minha orientação/supervisão no âmbito do mestrado em Comunicação Multimídia da Universidade de Aveiro-Portugal, pela Cátia Resende (Resende, 2010) e pelo Paulo Valbom (Valbom, 2010) que estudaram, implementaram e avaliaram a plataforma digital. Desta equipa faz parte também a Cassia Furtado (C. C. Furtado & L. Oliveira, 2011) que no âmbito do seu trabalho de doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais (Universidade de Aveiro e Universidade do Porto – Portugal) esteve presente em todo o processo de conceptualização, uso e avaliação do Portal Biblon.

O Portal Biblon é um espaço on-line que cria uma ambiência para que as crianças gerem redes sociais entre si e entre os livros e que a partir das leituras apresentem as suas interpretações usando a linguagem multimídia. Deste modo, deseja-se promover o uso de linguagens múltiplas para expressar a criatividade e o gosto pela própria leitura, que não deve ser apenas verbal, mas também sonora e imagética.



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

O portal Biblon apresenta um primeiro interface onde são visíveis as funções base. Contudo é o utilizador registado que pode usufruir das funcionalidades sociais e hipermediáticas do Portal Biblon.

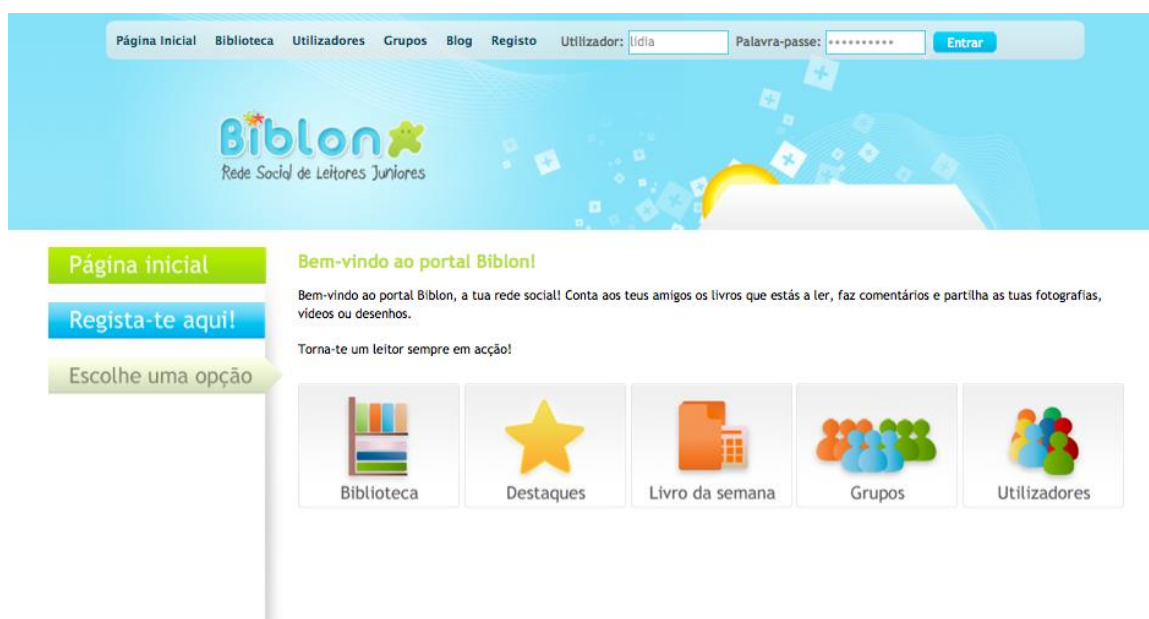


Figura 1: Página de entrada do Portal Biblon (<http://www.portal-biblon.com/>)

O utilizador não registado não pode participar ativamente disponibilizando conteúdos para os restantes utilizadores, nem criar grupos e outras funcionalidades da plataforma. Daí que seja essencial pertencer à comunidade para entrar na relação mútua e cooperativa, geradora de uma comunidade de prática.

O Biblon não visa ser uma biblioteca de livros digitais, mas um espaço de comunicação hipermediática de troca de experiências que surgem a partir da leitura literária, mas que se expandem pela possibilidade de agregar de modo rizomático conteúdos e atores. E a partir destes chegar à leitura de novas obras e assim num círculo hermenêutico em que o hipermídia será um catalisador da leitura.

No portal Biblon usa-se a metáfora da biblioteca como ponto de partida, como se pode visualizar na imagem que se segue. Contudo, a lógica que está na matriz de construção das possibilidades de interação nesta plataforma é a lógica da rede



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

social, em que não são atores apenas os leitores, mas também os livros e os conteúdos gerados pelos utilizadores e agregados aos livros.

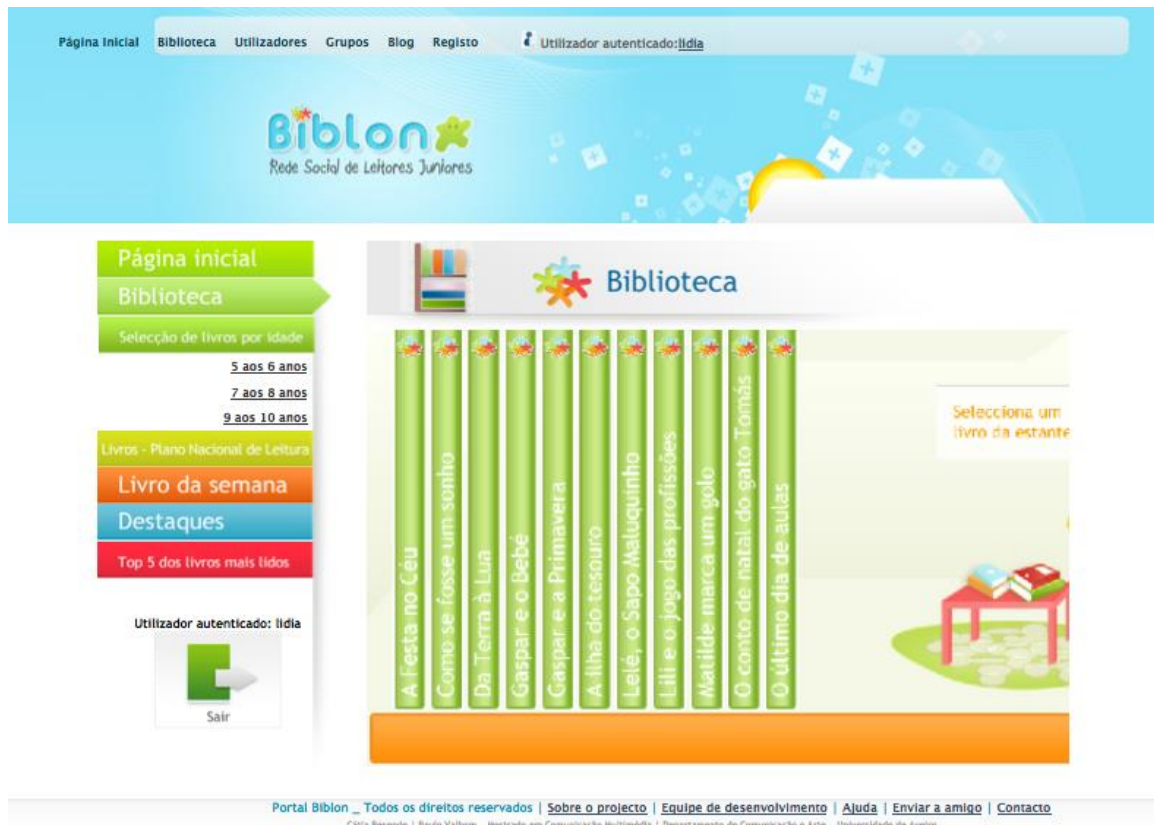


Figura 2: Página Principal da área da Biblioteca (<http://www.portal-biblon.com/biblioteca.aspx>)

Com o Biblon tem-se por intenção criar um ambiente onde a articulação entre linguagens (verbal, visual e sonora) se possa estabelecer, sem hierarquias, complementando-se umas às outras, e estimulando o gosto pela leitura, que apesar de partir da narrativa verbal se expande no imaginário dos leitores júniores que podem dar azo à sua imaginação e criatividade. E deste modo, poderem partilhar as suas interpretações usando a linguagem hipermídia e estabelecendo rede social entre atores (leitores, livros e interpretações multimídia).



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

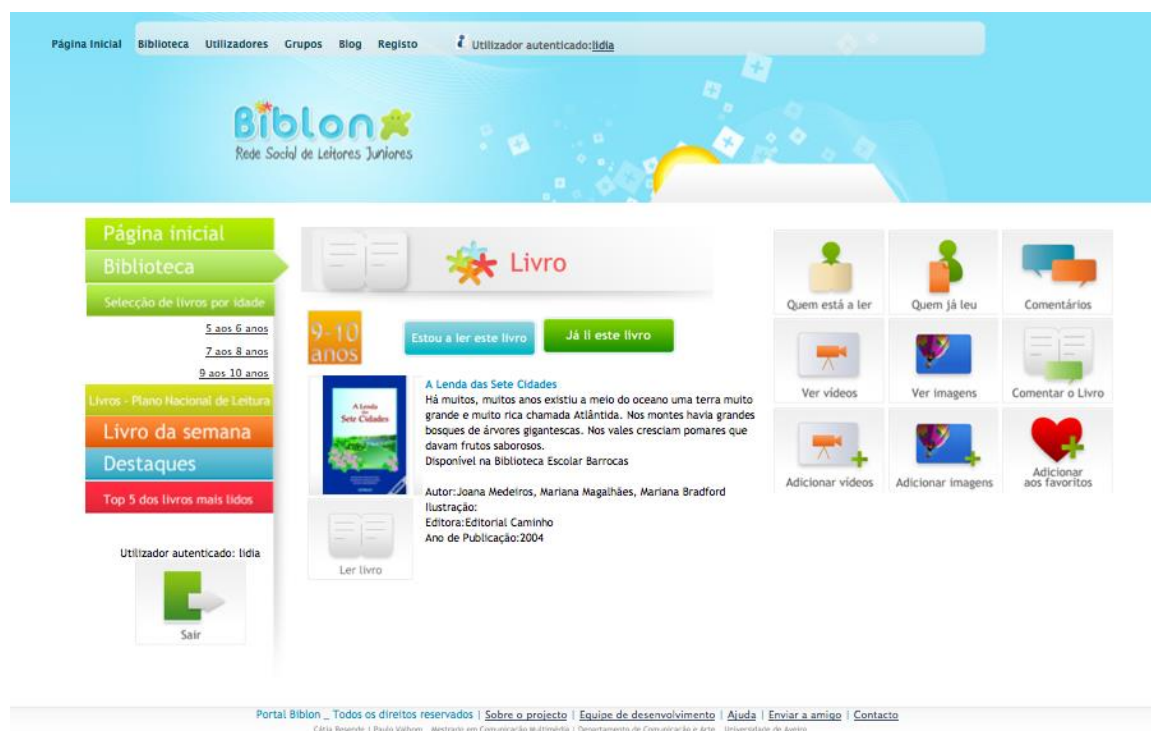


Figura 3: Opções de interação multimídia (<http://www.portal-biblon.com/livro.aspx?livroID=105>)

Com as funcionalidades disponibilizadas – saber quem está a ler, quem já leu, fazer comentários, ver vídeos, imagens e comentários, adicionar vídeos e imagens, adicionar aos favoritos, criar grupos de leitores-escritores - os utilizadores têm a oportunidade de utilizar linguagens múltiplas para expressarem a suas interpretações, afetos, experiências e relações sobre os livros lidos e os que estão a ler. Nesta dinâmica de interação o resultado é que cada livro e cada leitor são nós de uma rede que fazem com que cada obra passe a ter uma camada extra, de imagens, sons, textos e pessoas que a torna mais rica numa lógica de cooperação e partilha. O que começou apenas por ser texto escrito e, eventualmente, ilustração passa a ter camadas múltiplas intercomunicantes – rede social de atores e atuantes. Rede essa em que a linguagem hipermídia é um elemento integrado na leitura e estimulante da mesma.



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

A narrativa inicial é enriquecida com novas lógicas narrativas e novas gramáticas discursivas possibilitadas por imagens, sons, vídeos. Estas possibilidades permitem maior proximidade entre os processos mentais do leitor (que ao ler imagina as personagens, os cenários, ativa sons, sabores, etc. que lhe permitem fruir a obra literária) e as possibilidades de partilhar as suas perspectivas e usufruir das perspectivas dos outros leitores-escritores hipermidiáticos.

O Biblon propõe um sistema tecno-social híbrido que abre um espaço antropológico (Oliveira, 2011) que usufrui das possibilidades do livro, da escrita, da imagem, do vídeo e das trocas culturais da diversidade cultural dos falantes-leitores do espaço lusófono. Abrindo deste modo uma arena de interação entre as crianças leitoras-escritoras das Lusofonias (Oliveira & Abreu, 2004) promovendo o intercâmbio cultural, ampliando a função social e lúdica da leitura, ou seja, sendo espaço de fruição partilhada de forma síncrona e/ou assíncrona, quer presencial quer mediada.

As opções disponíveis no Biblon (saber quem está a ler, quem já leu, dizer que estou a ler, fazer comentários, associar imagens ao livro, associar vídeos ao livro, etc.) funcionam como dispositivos de sedução que promovem uma relação mais intensa com o livro e, assim, se coloca o hipermídia ao serviço da promoção da leitura e como catalisador desse processo.

Segundo Lúcia Santaella distinguem-se três tipologias de leitores – i) leitor contemplativo, meditativo; ii) leitor movente, fragmentado; iii) leitor imersivo, virtual – do ponto de vista da cognição e das relação com o material de leitura (Lúcia Santaella, 2004). O leitor-escritor utilizador da plataforma Bibon é um híbrido que faz a fusão destes três tipos de leitores e de culturas distintas, mas que coabitam. O leitor júnior vive entre uma cultura oral (em que a sua iniciação à leitura é mediada pelas leituras que pais, familiares, amigos e/ou educadores lhe fazem, por ainda não ter adquirido competências de leitura), uma cultura da escrita (intensificada com a entrada da escolarização formal, em que a aquisição da competência de leitura o torna progressivamente um leitor autonomizado, em que a leitura se faz de modo



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

silencioso e menos partilhado) e um leitor das imagens em rede (por serem desde sempre nativos digitais e audiovisuais, dado que o seu quotidiano é povoado de écrans, que transmitem uma visão acelerada e fragmentada, num lógica de *zapping*). É este o leitor-escritor, entre os 6 e os 10 anos de idade, ao qual a plataforma Biblon se destina. Em que se tentou ter e consideração as vivências plurais da relação com o livro e com as linguagens de enunciação do mundo.

Esta nova ambiência de leitura e escrita proposta no portal Biblon intenta gerar novas relações com a leitura, mas também com a escrita, que estão interligadas dialeticamente:

As mudanças tecnológicas e cognitivas no ato de ler afetam as formas de escrever. As relações entre imagens e texto são fundamentais para o ato de leitura, tanto no que diz respeito aos signos gráficos em si, quanto no significado atribuído aos mesmos. São dois tipos de imagem: a que a escrita forma no papel e aquela sugerida pelo texto à nossa imaginação. Para podermos ler um texto são necessárias, portanto, as competências complementares de decodificar a imagem escrita e de realizar imagens mentais adequadas àquilo que o texto sugere. (Almeida, 2009, p. 162)

Deste modo, abre-se a possibilidade de tornar o livro numa “obra aberta” em que o leitor júnior em interação com a sua rede social de leitores-escritores gera novas camadas na obra, numa estratégia de gerar visualidade – num círculo virtuoso que leva da leitura em silêncio a uma nova “oralidade” e visualidade permitida pela realização de imagens e vídeos relativos ao livro e associando-os a este. Estes novos elementos têm o papel de partilha numa cultura de convergência dos media e de catalisadores de novos leitores para a leitura do livro.

Do trabalho de campo desenvolvido com o uso do Portal Biblon verifica-se o entusiasmo que as crianças demonstraram com a possibilidade de serem autores (das imagens, textos/comentários, vídeos) e de ver esses materiais partilhados na rede e acessíveis aos restantes colegas (Resende, 2010) (Valbom, 2010) (C. Furtado & L. Oliveira, 2011). As crianças vêm nestas possibilidades a oportunidade de saírem das regras logocêntricas tradicionais nas quais para interpretar apenas



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

disponham da linguagem verbal. No Biblon para interpretar podem usar recursos multimídia diversos e interliga-los entre si. Há o convívio entre o paradigma do livro associado a uma certa linearidade, - mas no qual a linearidade é já quebrada com o usos de recursos estilísticos literários (como por exemplo, analepses e prolepses para a questão do tempo) - e o paradigma da rede, da interconexão em encandeamentos múltiplos, com linguagens diversas dialogando numa mesma missão, a de construir sentido e tirar prazer do ato de ler (textos, imagens, vídeos). Passa-se assim de uma leitura linear a uma leitura tridimensional que gera novas camadas no processo de leitura, como se de um palimpsesto de camadas interatuantes se tratasse. Cada um de acordo com os seus interesses e contexto pode contribuir com novas camadas que interatuarão com as já existentes e poderá usufruir de forma personalizada das camadas já existentes, fazendo assim a sua leitura pessoal, a sua reescrita do sentido.

Com o Biblon muda a relação de materialidade com o livro (Furtado, Resende, Valbom, & Oliveira, 2011) permitindo a diversidade de materialidade (do livro papel ou livro digital à formação de redes de livros e de leitores-escritores juniores). Assim hipermídia intervém na forma dos utilizadores usufruírem do ato de ler, potenciando a flexibilidade cognitiva.

o hipertexto é um meio de modelação do conhecimento e amplificação da atividade mental, sustentado pelo forte nível de interação com o utilizador e pela capacidade de intervenção no desenvolvimento da flexibilidade das representações cognitivas. A natureza do processo de interação através da ativação e estabelecimento das ligações dará forma, por sua vez, à rede hipertexto, ao mesmo tempo que estabelece a liberdade de desenvolvimento do estilo de aprendizagem no aluno. (Dias, 2000, p. 149)

É de sublinhar a ergonomia e economia cognitiva que se promove pelo uso de ambientes hipermídia, que se revelam mais adequados em termos de flexibilidade cognitiva, ou seja, têm maior proximidade da forma de memorizar e raciocinar ativando em rede os recursos cognitivos. Desde de Vannevar Bush (1945), que foi o



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

primeiro a abordar a ideia de hipertexto e da sua proximidade à atuação do sistema cognitivo, como sistemas de ativação em rede, que esta relação vem sendo estabelecida (Almeida, 2009). Este mimetismo permite-nos aproximar a flexibilidade dos processos cognitivos da flexibilidade que os sistemas hipermidiáticos permitem aos usuário.

O ideal de uma obra hipermidiática é se aproximar da estrutura da mente, ou melhor, é funcionar como uma extensão da estrutura da mente. A hipermídia como uma extensão não pode se limitar apenas em mostrar as informações e as conexões para o usuário, nem se trata apenas de uma interface gráfica cheia de conexões pré-estabelecidas, mas pode ir mais além, expandir os limites e provocar conexões da mensagem hipermidiática para o pensamento. (Salgado, 2012, p. 5)

A linguagem hipermídia tem uma gramática que potencia a busca das vinculações significativas que promove a ligação entre nós da rede semântica, como uma estratégia de promoção de conhecimento relacional, ou seja, a fuga do paradigma de hierarquia da informação (estrutura hierárquica da memória e da organização da informação – que tem valor mas não pode exercer um papel de exclusividade). Nas ambiências hipermídia as relações semânticas são consideradas como mais potentes quer ao nível do armazenamento de informação em memória, quer ao nível da sua recuperação, por estarmos perante a uma estratégia em que a motivação e a história de cada um entra na estratégia de atribuição de significado. Ou seja, o sujeito é um interveniente ativo no estabelecimento de sentido e de relações entre conteúdos e entre pares. Estes novos ambientes são mais complexos exigindo novas literacias – ler e escrever o mundo com a linguagem hipermídia envolve mais e novas gramáticas que o sujeito precisa de conhecer, quer para poder decodificar a ambiência em que se encontra, quer para poder contribuir para essas leituras do mundo, que pode ser o mundo quotidiano, como o mundo a literatura. Para além disso deve-se ter em consideração que os ambientes digitais requeem novas literacias infocomunicacionais que estabeleci com Jussara Borges (Borges & Oliveira, 2011) em três grandes âmbitos.



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

Competências operacionais: operar computadores e artefatos eletrônicos, operar um navegador na Internet, operar motores de busca de informação, operar mecanismos de comunicação, operar recursos para produção de conteúdos. Competências informacionais: perceber uma necessidade de informação, aceder a informações, avaliar a informação, interrelacionar peças de informação e criar conteúdo. Competências comunicacionais: estabelecer comunicação, criar laços sociais, construir conhecimento em colaboração e avaliar comunicação.

A hipermídia segue em confluência dinâmica com a convergência dos e nos mídia, novas fusões novas linguagens. A ambiência comunicacional contemporânea é caracterizada por uma nova dinâmica, a convergência dos meios que como sublinha Henry Jenkins (2006/2009) é no essencial uma questão cultural:

Bem-vindo à cultura de convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. (...) relação entre três conceitos – convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva. (Jenkins, 2009, p. 29)

Na cultura da convergência a questão do domínio de competências comunicacionais e utilização de linguagem hipermídia coloca-se de uma forma central. Quem possui essas competências está mais apto para interpretar a realidade, para ler o mundo e para traduzir o mundo da linguagem verbal na linguagem hipermídia. Faz parte da convergência não apenas o ser digital, mas o ser participativo e o estar em rede – “ Moreover, the significant characteristic of contemporary media is not just that they are digital but that they are also networked, enabling complex relationships of two-way communication. Convert media for us, then, *are networked digital media*.” (Jenkins, 2009, p. 29)

Longe de ser apenas uma nova técnica, um novo meio para a transmissão de conteúdos preexistentes, a hipermídia é, na realidade,



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

uma nova linguagem em busca de si mesma. Essa busca depende, antes de tudo, da criação de hipersintaxes que sejam capazes de refuncionalizar linguagens que antes só muito canhestramente podiam estar juntas, combinando-as e retecendo-as em uma malha multidimensional. Toda nova linguagem traz consigo novos modos de pensar, agir, sentir. Brotando da convergência fenomenológica de todas as linguagens, a hipermídia significa uma síntese inaudita das matrizes da linguagem e pensamento sonoro, visual e verbal com todos os seus desdobramentos e misturas possíveis. Nela estão germinando formas de pensamento heterogêneas, mas ao mesmo tempo, semioticamente convergentes e não-lineares, cujas implicações mentais e existenciais, tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade, estamos apenas começando a apalpar. (L. Santaella, 2001, p. 392)

Convergência e invisibilidade da mídia que é tanto mais acentuada quanto a vida é vivida na mídia, faz com que se tornem efetivamente mais poderosos como instrumentos que agem no seio da cultura. A transparência, invisibilidade e naturalização das mídias retiram aos sujeitos o distanciamento crítico e metalinguístico, o que cria novos desafios.

A crescente invisibilidade da mídia é ilustrada por um desaparecimento da consciência quando usada de maneira intensa – por uma lógica de imediatez (Bolter & Gruisin, 1996). Hoje as pessoas crescem rodeadas de mídia de maneira que a consideram apenas mais uma parte do ambiente, semelhante ao ar e à consciência da sua existência (Tapscott, 2008). Nesse sentido, nosso conceito de realidade é moldado pela habilidade automática das pessoas de ler, selecionar, editar, bem como escrever códigos, programas e protocolos. (Blank, Speers, & Deuze, 2010, p. 140)

A transversalidade das mídias na vida quotidiana implica pensar um novo paradigma ontológico em que se deixa de viver com a mídia para se viver na mídia (L. Santaella, 2001, p. 392) em que a mídia é a ambiência onde a própria identidade e relacionamento com a alteridade se constrói.

(...) as mídias não podem ser concebidas como separadas de nós. Há repercussões sociais e culturais extensas que ocorrem



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

primariamente devido à maneira como a mídia está se tornando invisível, pois ela é tão difusa e ubíqua que as pessoas em geral nem mesmo se dão conta da sua presença em suas vidas. (Blank et al., 2010, p. 144)

As novas gerações vivem seguramente na mídia e aí está o desafio de pensar quais as competências infocomunicacionais lhe são proporcionadas, de modo que elas dominem as novas linguagens hipermidiáticas, as novas gramáticas, as estruturas argumentativas nas quais o mundo passa a ser construído.

A linguagem hipermídia é a nova linguagem da vida na mídia, mas é simultaneamente, a linguagem de carneira que permite ajudar a ler os textos que constituem o lastro histórico da humanidade, textos esses que são essencialmente em linguagem verbal e que com a ajuda da linguagem hipermídia podem ganhar novos fôlegos de visibilidade e interpretação.

A hipermídia mais do que uma linguagem é uma translinguagem que permite a incorporação de linguagens múltiplas na discursividade enriquecendo as formas de expressão. No contexto atual em que a computação na nuvem se está a tornar o espaço virtual onde a comunicação acontece, ter competências de literacia digital nesta translinguagem é absolutamente fundamental. Apesar de todos os desenvolvimentos a escola, enquanto espaço cultural e comunicacional de aprendizagem formal, ainda não incorporou nos seus designícos o desafio de ensinar a gramática do hipermídia e de gerar competências analíticas e críticas nos alunos, futuros cidadãos da nuvem, para que possam capitalizar de forma sistemática as vantagens da linguagem hipermidiática. A escola não pode esquecer que a linguagem e pensamento caminham de mãos dadas e que as linguagens pelas quais os seus alunos se expressam afetam a forma como estes pensam. Apesar da linguagem verbal ser central no discurso e na formação, urge um olhar atento à linguagem hipermídia em si mesma, como linguagem corrente utilizada pelos indivíduos imersos numa sociedade dos écrans, numa sociedade imagética e hiperconectada. Para além disso defendo que a linguagem hipermídia é um aliado



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

na promoção da leitura do texto e na leitura do mundo e da obra literária, pela sua característica de translinguagem. Num mundo em que se vive não apenas com a mídia, mas na mídia a reflexão sobre as tecnologias e as linguagens permanece central.

As tecnologias que sustentam ou gerenciam a linguagem também afetam a mente, por necessidade, simplesmente porque a linguagem é um sistema para a articulação da mente, um tipo de sistema operacional amplamente editado. Deste modo, a linguagem possui uma relação próxima e íntima com nossa mais interna sensibilidade e também com o conteúdo e com a estrutura de nossas mentes. (Blank et al., 2010)

Na geração do facebook e o youboom (por alusão ao uso extensivo e intensivo do *Facebook* e do *Youtube*) em que a imagem e o vídeo são códigos generalizados de expressão do eu e do gosto, como meios de narrar, interpretar e partilhar o mundo dever-se-á olhar para o potencial dessa linguagem como catalisadora da leitura literária, num retorno, que por sua vez potencia o imaginário e a cosmovisão do sujeito.

Nas circunstâncias comunicacionais atuais, usufruídas com grande intensidade pelas novas gerações, em que o estar conectado em permanência, em que a criação e partilha de conteúdos pelo usuário, em que a imagem fixa e/ou animada, o vídeo e conexão amplificante são a marca essencial a proposta aqui deixada é que se usufrua desta dinâmica hipermidiática como catalizadora da leitura literária, colocando esta no seio de uma rede social, em que os leitores possam usufruir de uma arquitetura hipertextual em que a rede é recomponível com plasticidade e heterogeneidade e, em que, os leitores-escritores são desafiados a voltar à linguagem verbal, à leitura e à fruição do espetáculo multimídia e hipermídia que ela desencadeia no seu imaginário.

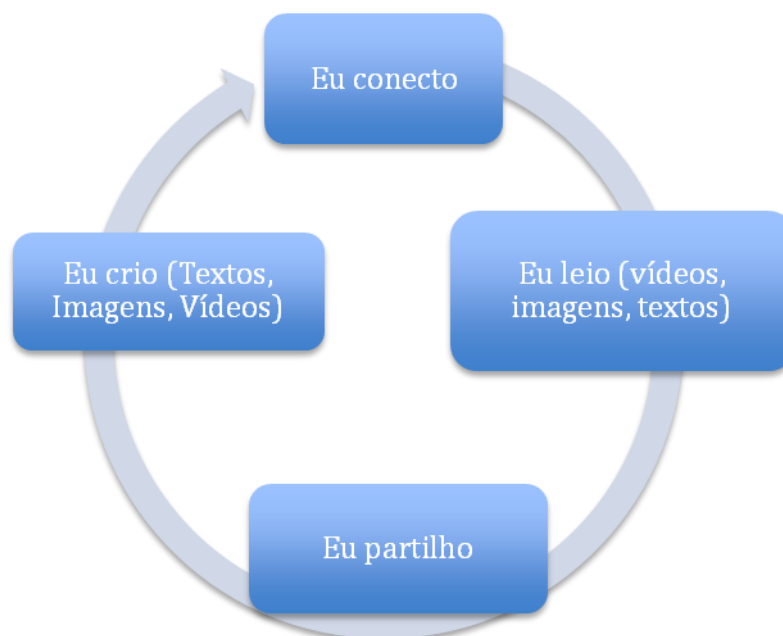


Figura 4: Ciclo hermenêutico – conecto-consumo-partilho-crio-partilho-conecto.

Com esta ideia do círculo hermenêutico pretende-se sublinhar que só se poderá compreender as questões da linguagem e da leitura literária na contemporaneidade considerando o todo. Ou seja, realizando essa análise atendendo a vivência conectada dos jovens, em que consomem e partilham as suas visões, crenças, prazer, conhecimentos, etc. numa ambiência transmidiática e hipermídia, que em vivem na mídia – esta vivência como catalisadora da leitura – usando o consumo do vídeo, da imagem e da conexão como desencadeador de novas vivências, vir a ser seduzido para a obra literária e desta dar as suas interpretações e partilha intercultural na rede de leitores, fazendo uso da linguagem multimídia conecta.



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

Bibliografia

ALMEIDA, M. A. D. A cada leitor seu texto: dos livros às redes. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. n. esp., 1., p. 154-173, 2009. ISSN 1518-2924. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14712771011.pdf> >. Acesso em: 20-09-2012.

BLANK, P.; SPEERS, L.; DEUZE, M. Vida Midiática [Media Life]. **Revista USP, São Paulo**, v. nº86, junho/agosto 2010, p.139-145, 2010.

BORGES, J.; OLIVEIRA, L. Competências infocomunicacionais em ambientes digitais. **Observatorio (OBS*)**, v. 5, n. 4, 2011. ISSN 1646-5954.

DIAS, P. Hipertexto, hipermídia e media do conhecimento : representação distribuída e aprendizagens flexíveis e colaborativas na Web. **Revista Portuguesa de Educação**, ISSN 0871-9187. 13:1 (2000) 141-167., 2000.

FURTADO, C.; OLIVEIRA, L. BIBLON: plataforma de incentivo a leitura literária para crianças. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, 2011.

FURTADO, C. et al. Rede social de leitores juniores-as comunidades de prática de leitura on-line ea promoção da literacia e cidadania. **Literacia, Media e Cidadania**, p. 197-208, 2011.

FURTADO, C. C.; OLIVEIRA, L. BIBLON: plataforma de incentivo a leitura literária para crianças. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc., Ribeirão Preto**, v. 2, n. 1, jan./jun. p. 68-85., 2011. ISSN 2178-2075.

HARNARD, S. A Galáxia Pós-Gutenbergiana: a Quarta Revolução nos Meios de Produção do Conhecimento. **The Public-Acess Computer Systems Review**, v. 2, n. 1, 1991. Disponível em: < <http://www.cac.ufpe.br/labvirt/aulas/9702g/texto2.htm> >. Acesso em: 03/01/1999.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência - O Futuro do Pensamento na Era Informática**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

OLIVEIRA, L. A Internet – a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, A. e PALÁCIOS, M. (Ed.). **Janelas do Ciberespaço**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001. p.151-171. ISBN 85-205-0278-4.

OLIVEIRA, L.; ABREU, J. F. D. Cidades Digitais-o novo" urbanismo" potencial catalisador da lusofonia. In: LEMOS, A.;PALÁCIOS, M., et al (Ed.). **Cibercidade. A Cidade na Cibercultura**. Rio de Janeiro: e-papers, 2004. p.59-73. ISBN 85-87922-93-9.

PICÓN, A. O dinamismo das técnicas. In: SCHEPS, R. (Ed.). **O Império das Técnicas**. Campinas (SP): Papirus, 1996. p.25-35.

POSTMAN, N. **Tecnopolia – Quando a Cultura se rende à Tecnologia**. Lisboa: Difusão Cultural, 1994.

RESENDE, C. A. T. S. **Design de interação centrado nas crianças: estudo do caso Biblon**. 2010. Dissertação de Mestrado Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro-Portugal.

SALGADO, L. A. Z. Hipermissão: a linguagem prometida. **REVISTA INTERIN**, v. 5, n. 1, p. 1-13, 2012. ISSN 1980-5276.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2001. ISBN 8573211520.

SANTAELLA, L. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

VALBOM, J. P. S. **Portal Biblon: rede social de leitores júniores**. 2010. Dissertação de Mestrado Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro-Portugal.



Volume 3 - Nº 2 - Julho/Dezembro de 2013

Sobre a Autora

	<p>Lídia Oliveira</p> <p>Graduada Filosofia pela Universidade de Coimbra (1990), Mestre em Tecnologia Educativa pela Universidade de Aveiro, em parceria com as Universidades de Valenciennes/França e Mons/Bélgica (1995) e doutorada em Ciências e Tecnologias da Comunicação pela Universidade de Aveiro (2002) onde é professora com agregação, no Departamento de Comunicação e Arte. Investigadora e Coordenadora Científica do Polo de Aveiro do CETAC.MEDIA – Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação (http://www.cetacmedia.org/). Dedicase a investigar as implicações das tecnologias da informação e da comunicação em rede nas rotinas cognitivas e sociais dos indivíduos, dos grupos e das organizações, estando a sua investigação situada nos estudos de Cibercultura. Leciona na graduação em Novas Tecnologias da Comunicação, no mestrado em Comunicação Multimídia e no Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas. (lidia@ua.pt)</p>
--	---

Revista Hipertexto, Volume 3, Nº 2, Julho/Dezembro de 2013. ISSN: 2236-515X. Este artigo foi submetido para avaliação em 15/5/2013 e aprovado para publicação em 22/6/2013. DOI:10.18249/2236-515X/hipertexto.v3n2p62-84.